



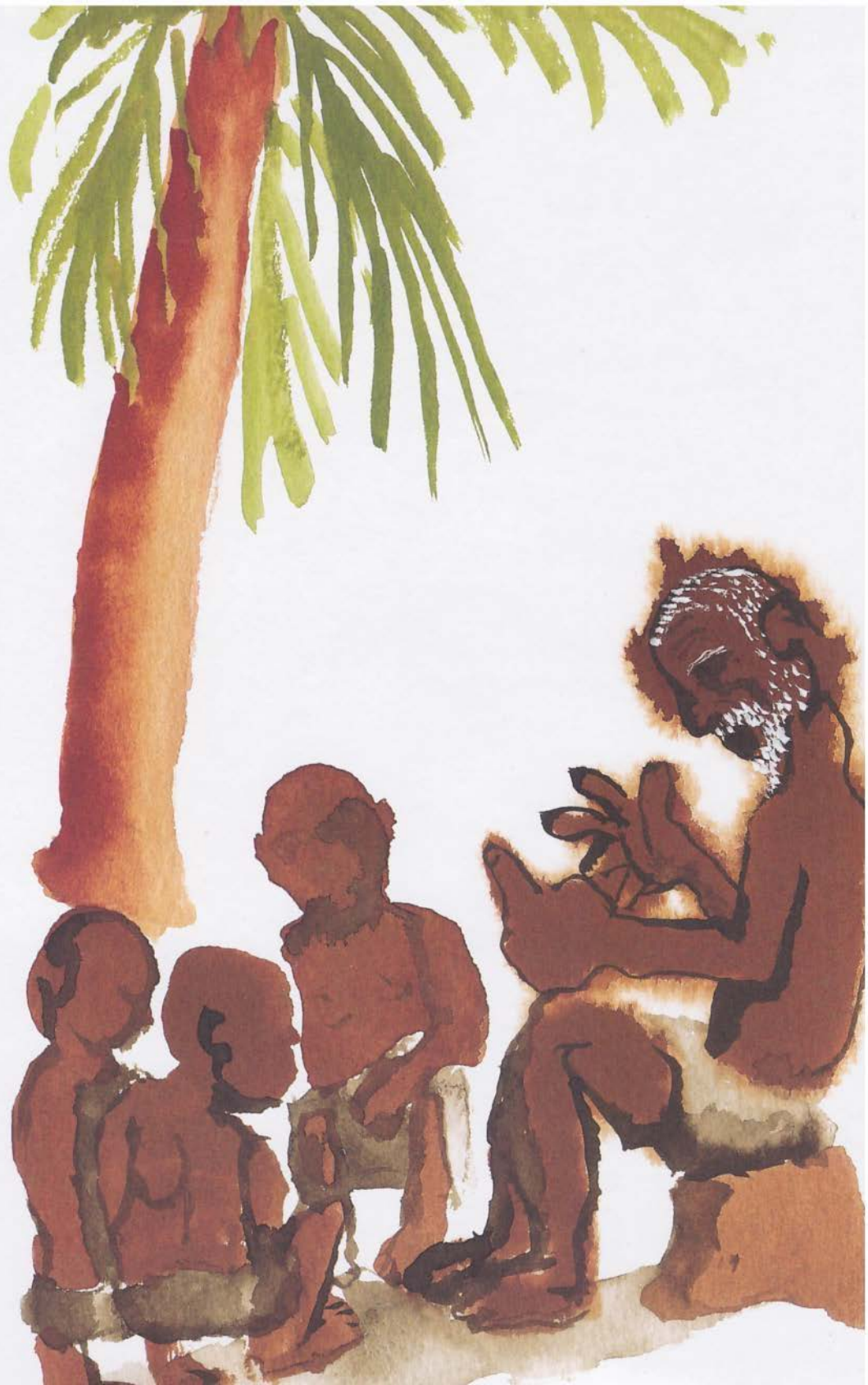
Os príncipes do destino

histórias da mitologia afro-brasileira

TEXTO Reginaldo Prandi

ILUSTRAÇÕES Paulo Monteiro

COSACNAIFY



INTRODUÇÃO

Os dezesseis príncipes e as histórias do destino

Há muito tempo,
num antigo país da África,
dezesseis príncipes negros trabalhavam juntos
numa missão da mais alta importância para seu povo,
povo que chamamos de iorubá.

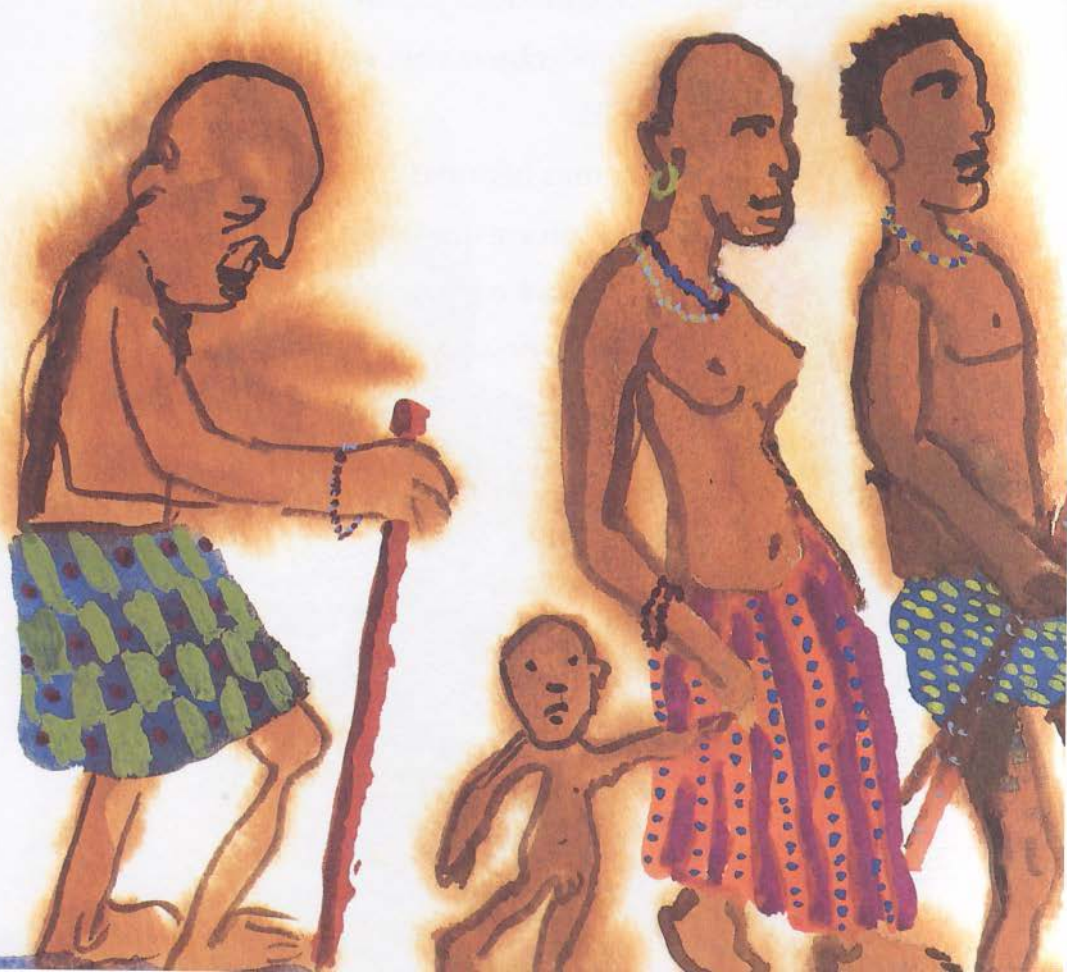
Seu ofício era colecionar e contar histórias.

O tradicional povo iorubá acreditava que tudo na vida se repete.
Assim, o que acontece e acontecerá na vida de alguém
já aconteceu muito antes a outra pessoa.

Saber as histórias já acontecidas, as histórias do passado,
significava para eles saber o que acontece
e o que vai acontecer
na vida daqueles que vivem o presente.



Pois eles acreditavam que tudo na vida é repetição.
E as histórias tinham que ser aprendidas de cor
e transmitidas de boca em boca, de geração a geração,
pois, como muitos outros velhos povos do mundo,
os iorubás antigos não conheciam a palavra escrita.



Na língua iorubá dos nossos dezesseis príncipes
havia uma palavra para se referir a eles.

Eles eram chamados de odus,

que poderíamos traduzir como portadores do destino.

Os príncipes odus colecionavam as histórias

dos que viveram em tempos passados,

sendo cada um deles responsável por um determinado assunto.

Assim, o odu chamado Oxé sabia todas as histórias de amor.

Odi sabia as histórias que falavam de viagens, negócios e guerras.

Ossá sabia tudo a respeito da vida em família e da maternidade.

E assim por diante.

As histórias falavam de tudo o que acontece na vida das pessoas,

de aspectos positivos e negativos,

pois tudo tem o seu lado bom

e o seu lado ruim.



Quando uma criança iorubá nascia,
um dos dezesseis odus passava a cuidar de seu destino,
de modo que na vida da nova criatura
se repetiriam as histórias contadas pelo príncipe
que era o seu odu, o padrinho de seu destino.
Sim, cada criança nascida naquele país tinha um odu protetor
e esse odu a acompanhava pela vida afora, era seu destino.
E tudo o que lhe acontecia estava previsto nas histórias
que o príncipe protetor gostava de contar.
Não era incomum um menino dizer aos amiguinhos:
“Sou afilhado do príncipe Ejiobê
e por isso vou ser muito inteligente e equilibrado”.
“Meu odu é o príncipe Ocanrã e por isso sou assim esperto”,
gabava-se, orgulhoso, outro moleque.
“O odu que rege o meu destino é Odi
e eu vou ser um guerreiro valente e vitorioso”,
falava um terceiro menino, sonhando com um destino venturoso,
já se sentindo o maioral da criançada.
Por isso chamamos os odus de príncipes do destino.

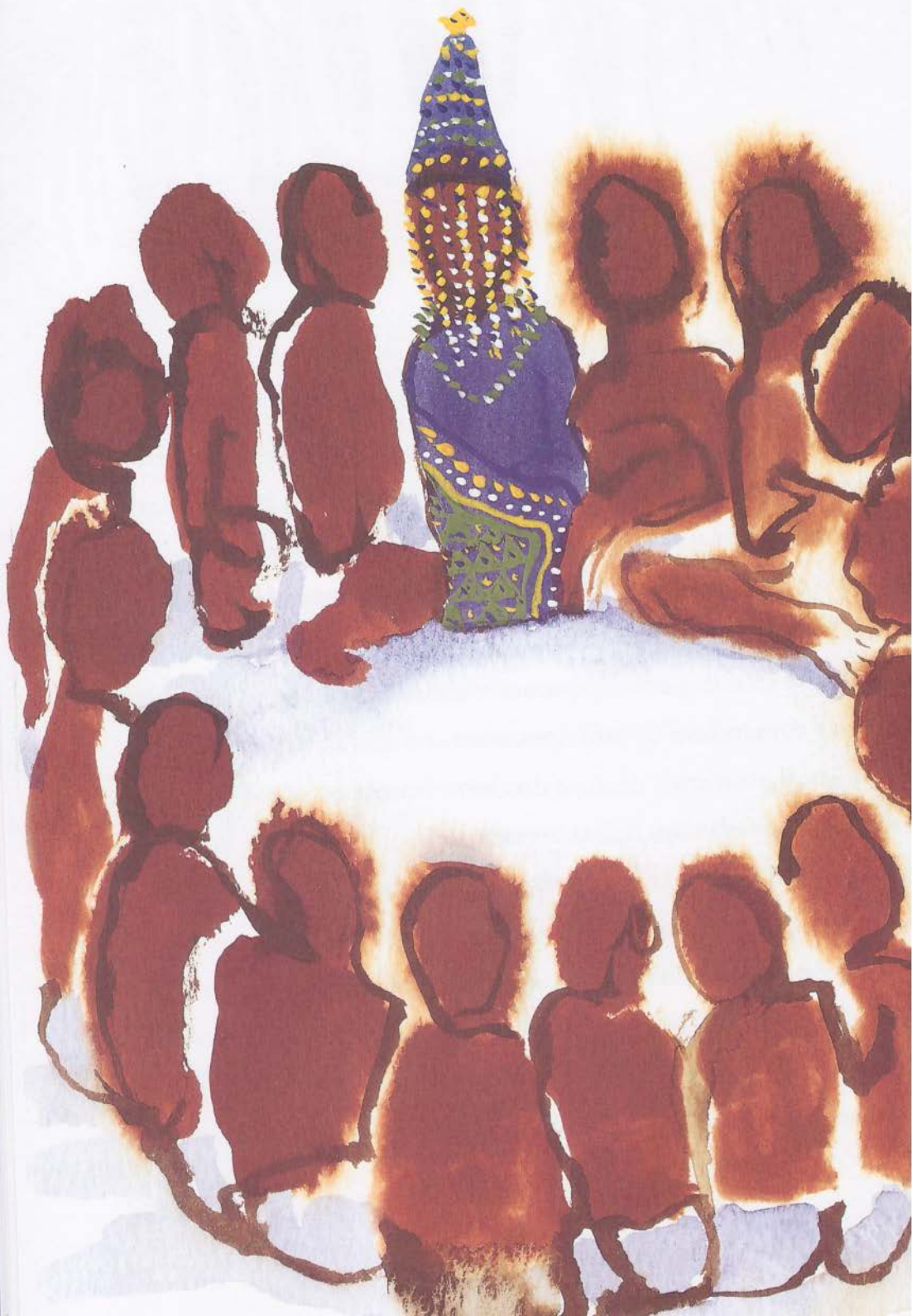


Bem, formavam o time completo dos odus
os príncipes Ocanrã, Ejiocô, Etaogundá e Irossum,
mais Oxé, Obará, Odi e Ejiobê,
além de Ossá, Ofum, Ouorim e Ejila-Xeborá
e também Ejiologbom, Icó, Oturá e Oturopom.
Fazendo um pequeno comentário,
os tais príncipes tinham nomes bem esquisitos, não é?
Mas só porque são nomes africanos e nós somos brasileiros.
Sendo assim, nossos ouvidos não estão acostumados com eles.
Cada povo tem sua língua
e cada língua tem seus sons e suas palavras.
Quem fala uma língua acha os sons de outra esquisitos.
Se contássemos uma história semelhante a esta
para crianças africanas e disséssemos que nossos heróis
eram chamados de Francisco, Vinícius, Pedro e Joaquim,
elas iam achar os nomes muito estranhos,
como nós achamos fora do comum os deles.



Entre os dezesseis príncipes do destino,
Ejila-Xeborá talvez fosse o odu mais invejado,
pois aqueles que tinham a vida regida por ele
estavam fadados a agir com justiça e conhecer o sucesso,
desde que não fizessem nenhuma besteira, é claro.
Já o odu Obará só sabia falar de coisas tristes,
como as histórias dos que são roubados,
dos que perdem bens materiais,
dos que não conseguem realizar até o fim nada de bom,
sempre envolvidos em fracasso e frustração.
Por isso ninguém gostava de conversar com Obará,
pois lá ia ele contando aquelas histórias infelizes,
e por isso mesmo o chamavam de Príncipe Infeliz.
E é claro que ninguém queria ter Obará, coitado,
como padrinho de algum filho seu.

Acima dos dezesseis príncipes odus
estava o Senhor do Destino,
o deus que os iorubás chamavam de Ifá.
Os antigos iorubás cultuavam muitos deuses,
que eles chamavam de orixás,
e cada orixá cuidava de um diferente aspecto do mundo.
Ifá era o orixá do destino, o mestre do acontecer da vida,
e os odus trabalhavam para ele.
Ifá vivia no Céu dos orixás, que era chamado de Orum.
De lá ele comandava os príncipes odus.
Os odus orientavam o destino dos seres humanos
mas Ifá os vigiava com muita atenção,
para que tudo saísse como deveria ser,
na vida de cada homem,
na vida de cada mulher,
fosse um velho,
fosse um adulto,
fosse uma criança.




PRIMEIRA REUNIÃO

Os príncipes do destino contam histórias no Céu

Um dia, desejoso de saber como ia a missão que ele tinha atribuído aos dezesseis príncipes do destino, Ifá os convocou para comparecerem à sua casa no Céu. Ifá queria saber de tudo o que acontecia na Terra, queria ouvir todas as histórias reunidas pelos odus. Os príncipes adoraram o convite, pois depois de contarem todas aquelas histórias que aconteciam na terra dos homens e mulheres, Ifá mandaria servir o mais precioso dos banquetes, com todo tipo de comida e bebida que se possa imaginar, como era o costume em ocasiões festivas. Bastou chegar a convocação de Ifá e os odus logo se reuniram com grande animação, uns avisando os outros do encontro.





E lá foram os dezesseis príncipes do destino à casa de Ifá.
Lá foram Ocanrã, Ejiocô, Etaogundá e Irossum,
mais Oxé, Odi, Ejiobê e Ossá,
acompanhados de Ofum, Ouorim e Ejila-Xeborá
e também por Ejiologbom, I cá, Oturá e Oturopom.
Lá se foram naquele dia os dezesseis odus à casa de Ifá.
Opa! dezesseis não, quinze.
Falta um nessa lista aí.
Sim, um dos dezesseis odus não estava com os demais.
Estava faltando o príncipe Obará.
Como ninguém gostava do Príncipe Infeliz,
ninguém o avisou daquela reunião.
Afinal, ele só falava de desgraças, de pobreza,
miséria, riquezas perdidas, traições.
Ninguém gostava da sua companhia,
nem mesmo os seus quinze irmãos.
Então ninguém se lembrou de chamar Obará.

Chegando eles à casa de Ifá,
a reunião celeste começou normalmente.
Falaram disso e daquilo,
narraram velhas e novas histórias,
contaram e ouviram casos interessantes,
riram, se divertiram, caçoaram uns dos outros,
todos ansiando pelas delícias do banquete de encerramento.
Nem podiam esperar o delicioso momento.
Foi então que Ifá perguntou:
“Ouvi hoje contar muitas histórias,
mas só ouvi contar histórias de ganhadores,
de pessoas sadias, ricas, amadas e contentes.
E nada aconteceu de perdas materiais, roubos, bancarrotas?
Ninguém tem nada a me contar sobre aqueles
que sofreram esses dolorosos e indesejados golpes da vida?
Que fale Obará, pois é assunto dele”.
Mas, se dando conta de que havia algo errado,

Ifá perguntou, intrigado, perscrutando a audiência:
“Mas cadê o príncipe Obará, onde ele está?”.

Os odus olharam uns para os outros,
sem jeito, desconcertados e temerosos.


Fez-se um silêncio constrangedor,
até que um deles, de cabeça baixa, ousou falar:

“O Nosso Sábio Senhor Ifá há de nos perdoar,
mas esquecemos de trazer conosco Obará,
nosso tristonho irmão que assiste os perdedores”.

Ifá ficou muito irritado com tal descaso.

Afinal, o Príncipe Infeliz também era importante,
pois não existe felicidade sem sofrimento,





nem riqueza sem miséria,
nem saúde sem doença,
nem vitória sem derrota,
nem amor sem abandono,
e assim por diante.

Ou os odus trabalhavam todos juntos,
ou não eram nada.

Falar da vida do homem sem falar de seus momentos ruins
era querer falsear a realidade, asseverou Ifá.

Ifá determinou que a partir de então
todos os odus deveriam vir juntos à sua casa,
a cada dezesseis dias,
para contar todas as histórias já acontecidas,
até que se completassem dezesseis reuniões,
a contar daquela que ora se encerrava.

A cada dezesseis dias ele queria ver os dezesseis odus,
sem que faltasse nenhum deles.

“E que não falte nem mesmo Obará”, ordenou.

Como punição por terem se esquecido de trazer o irmão, Ifá resolveu que não ia oferecer aos príncipes do destino o delicioso banquete que havia sido preparado.

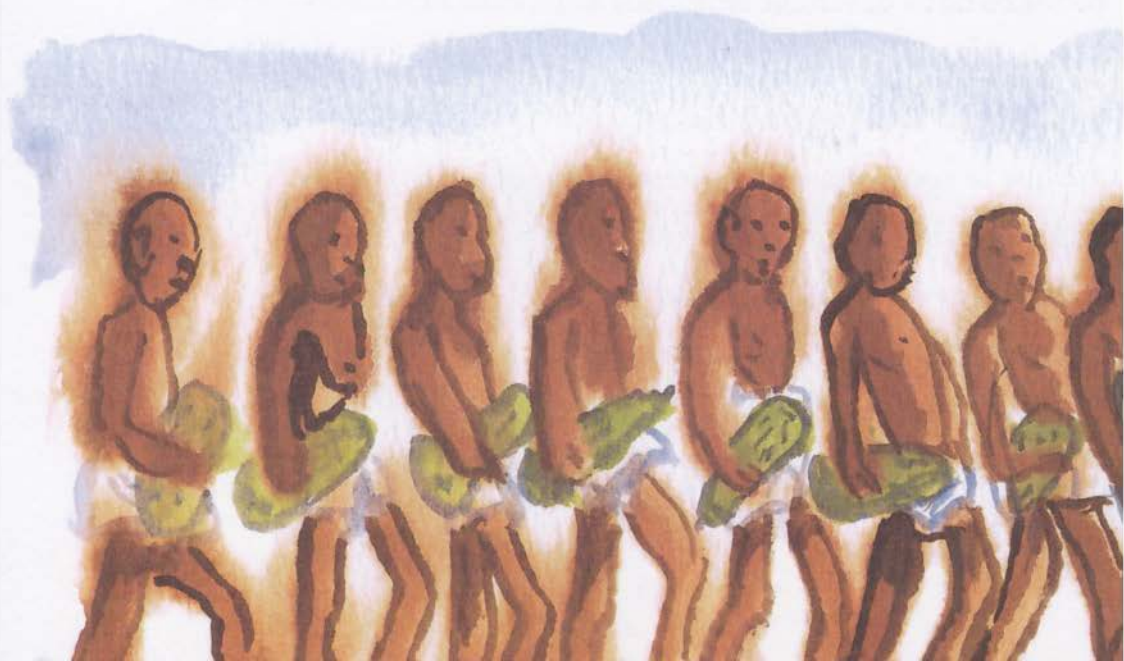
Que se retirassem sem comer, pois.

“Ah!”, foi o lamento de surpresa e frustração que os quinze odus deixaram escapar em unísono.

Mas para que não morressem de fome no caminho de volta, e para que ninguém dissesse que ele era um velho sovina,

Ifá disse que dava a cada um deles uma abóbora.

E deu por encerrada a reunião.



Os príncipes pegaram suas abóboras,
agradeceram, despediram-se com muita reverência
e muitos pedidos de desculpas
e foram tomando o caminho de casa, todos juntos.

Mas esta história não acaba aqui
e quem quiser conhecer seu fim tem que continuar a leitura,
para saber o que foi falado na segunda reunião,
na qual o próprio Obará contou a todos os presentes
sobre o justo desfecho deste caso.



